

A Reação Republicana e a imprensa carioca no VI Sul-Americano de futebol em 1922: uma análise nas páginas de *O Imparcial* e *Correio da Manhã*

The Republican Reaction and the carioca press for the 1922 VI South-American tournament of football: an analysis in the pages of *O Imparcial* (The Impartial) and *Correio da Manhã* (Morning Courier)

Eduardo de Souza GOMES¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Buscamos neste artigo analisar os olhares produzidos por parte da imprensa carioca acerca do VI Sul-Americano de Seleções de futebol, ocorrido em 1922 no Rio de Janeiro como parte dos festejos do centenário da independência do Brasil. De forma mais específica, buscaremos destacar como esse torneio foi abordado em *O Imparcial* e *Correio da Manhã*, tendo esses dois periódicos realizado críticas ao regime político vigente no período e se alinhado favoráveis à Reação Republicana, movimento iniciado em 1921 e que buscou quebrar a lógica da Política dos Governadores no Brasil. Entendemos como importante a análise dessas fontes jornalísticas para a melhor compreensão deste objeto, tendo em vista que foram construídos diferentes olhares que nos possibilitam melhor entender as relações entre o futebol, a nação e a sociedade brasileira nos primórdios dos anos 1920.

Palavras-chave

Imprensa; Jornalismo e História; Imprensa brasileira; Futebol; Nação.

Abstract

We seek with this article to analyze part of Rio de Janeiro's press produced views about the VI National South-American tournament of football, which took place in 1922 at Rio de Janeiro as part of the celebrations for Brazil's independence centenary. Specifically, we seek with this to highlight how this tournament was covered by *O Imparcial* (The Impartial) and *Correio da Manhã* (Morning Courier), having these two papers criticized the political regime running at that time however favorable to the Republican Reaction, a trend started in 1921 which quested for breaking the logics of the Politics of the Governors of Brazil. We see as important the analysis of these journalist sources for better comprehension of this object, considering they left as a result different views allowing an easier understanding of the relations among football, the nation and the Brazilian society at the prime of the 1920's.

Keywords

Press; Journalism and History; Brazilian press; Football; Nation.

RECEBIDO EM 22 DE MARÇO DE 2017
ACEITO EM 18 DE MAIO DE 2017

¹ Doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com bolsa Capes. Pesquisador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer (IH/UFRJ). Autor do livro "El Dorado: os efeitos do profissionalismo no futebol colombiano (1948-1951)" e organizador de "Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais", dentre outros capítulos de livro e artigos publicados em periódicos científicos. Contato: eduardogomes.historia@gmail.com

Introdução

Neste trabalho, analisaremos os olhares produzidos por parte da imprensa carioca no cenário de realização do VI Sul-Americano de Seleções de futebol, ocorrido em 1922 no Rio de Janeiro como parte dos festejos do centenário da independência do Brasil. Esse campeonato se inclui em um conjunto de outras competições esportivas que se efetivaram na então capital federal a partir dos Jogos Olímpicos Latino-Americanos de 1922. Temos como objetivo, buscando uma perspectiva que permita a interface entre as áreas de História e Jornalismo, analisar os discursos e construções de memórias explícitos nessas fontes jornalísticas. Com isso, entendemos ser possível compreendermos como o futebol se relacionou com discursos nacionalistas e as relações internacionais no contexto do centenário da independência do Brasil.

Este artigo é parte do projeto de pesquisa que está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ, onde são analisados os discursos nacionalistas e as relações internacionais geradas a partir dos Jogos Olímpicos Latino-Americanos de 1922 no Rio de Janeiro e dos Jogos Bolivarianos de 1938 na Colômbia.

Ao analisar os discursos sobre o VI Sul-Americano de Seleções, buscamos com esse exercício compreender como essa competição de futebol, de maneira mais específica, se incluiu no cenário de festejos do centenário de independência do Brasil, assim como contribuiu para a construção de diferentes discursos nacionalistas e que influenciaram diretamente nas relações diplomáticas com os países que participaram da competição. O contexto político em questão também é aqui analisado, considerando que está diretamente interligado com os eventos em questão.

Entre 1921 e 1922, foi organizado um movimento contrário ao poder político oligárquico então dominante no Brasil. Esse movimento, conhecido como "Reação Republicana", contava com a participação de estados (Bahia, Distrito Federal, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul) que buscavam quebrar a política dos governadores então estabelecida pelas oligarquias de São Paulo e Minas Gerais.

Para alcançar tal objetivo, os estados que compunham a Reação Republicana lançaram como oposição, nas eleições presidenciais de 1922, a candidatura do então senador fluminense Nilo Peçanha. Peçanha, que já

havia presidido o país entre 1909 e 1910, concorreu com o mineiro Artur Bernardes pelo cargo de sucessor de Epitácio Pessoa na presidência. Inserido nas alianças ligadas à Política dos Governadores, Artur Bernardes foi eleito, porém não calou as formas de contestações políticas criadas pela Reação Republicana, que continuaram no decorrer da década de 1920.

Entre as propostas da Reação Republicana, se destacavam o interesse em construir uma nova forma de política no país, desconstruindo a lógica dominante das oligarquias de São Paulo e Minas Gerais; e a implantação de um nacionalismo distinto do até então defendido no Brasil, buscando enquadrar o país aos ideais de modernidade oriundos de outras nações. A busca por esse “Brasil moderno”, obviamente, não se iniciou nos anos 1920, assim como não terminaria nessa década. Para Marly Motta, a concepção de modernidade, tal como qualquer conceito, se modifica e se adapta em cada contexto histórico. Nas palavras da autora, depois da década de 1920,

[...] virão 1930, 1937, 1945, 1964, 1989... Em suma, a história do pensamento brasileiro no século XX pode ser vista como um esforço incansável para compreender e impulsionar as condições de implantação da modernidade no Brasil, quer esta responda pelo nome mágico de Civilização, de Desenvolvimento ou de Primeiro Mundo. (MOTTA, 1992, p. 8).

Assim, nesse contexto político e social, buscamos compreender como foram forjados pelo futebol discursos acerca da nação, tal como essa é definida por Benedict Anderson (2008), por periódicos ligados ao movimento da Reação Republicana. Anderson aponta que a nação é uma comunidade política imaginada

(...) e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana (...). Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. (ANDERSON, 2008, p. 32).

Tendo em vista que o objeto se insere em um contexto mais amplo de comemorações, que contaram também com outras formas de festividades, sugerimos que entender como o esporte foi mobilizado nesse cenário pode ser uma das chaves para a compreensão do referido período no Brasil, inclusive no discurso daqueles que buscavam contestar a ordem então vigente. Mesmo tendo a Reação Republicana tido seu auge até as eleições

presidenciais, ocorridas em março de 1922, seus efeitos e o engajamento de alguns de seus membros continuariam gerando formas de militância e oposição posteriores, como no cenário dos Jogos do Centenário e do Sul-Americano de futebol, realizados entre os meses de setembro e outubro desse mesmo ano.

Para estabelecer essa relação entre História e Jornalismo, a partir da análise de uma prática esportiva, se faz necessário um olhar crítico e teórico para o objeto que permita a interface entre esses dois campos do conhecimento. Em trabalho inserido no âmbito da Comunicação Social, mas que se debruça sobre suas relações com outras áreas, como a História, Robert Park infere que existem diferenças nas atuações do historiador e do jornalista:

(...) a notícia não é um conhecimento sistemático como o das Ciências Físicas. Antes, na medida em que se refere a acontecimentos, semelha a História (...). Entretanto, a notícia não é história, e seus fatos não são fatos históricos. Não é a história porque, em primeiro lugar, se refere, em conjunto, a acontecimentos isolados e não procura relacioná-los nem com sequências causais nem com sequências teleológicas. A história não só descreve os acontecimentos, mas também procura coloca-los no lugar que lhes cabe na sucessão histórica (...). A diferença do historiador, o repórter procura tão-somente registrar cada acontecimento isolado e só se interessa pelo passado e pelo futuro na medida que estes projetam luz sobre o real e o presente. (PARK, 1976, p. 174, apud ANCHIETA, 2007, p. 6-7).

A percepção de Park nos leva a compreender que, enquanto a notícia jornalística possui um olhar mais pontual e concentrado no “calor da hora” (ANCHIETA, 2007, p. 6-7), o trabalho do historiador se baseia em interpretar, nos diferentes tempos e espaços, como esse olhar se converteu em efeitos e construções sociais.

Ao olharmos alguns jornais do período, podemos perceber que existiram veículos que buscavam referendar a imagem da nação a partir do selecionado nacional que jogava o Sul-Americano, sendo essa uma hipótese que buscaremos defender no decorrer do artigo. Todavia, ressaltamos que esse olhar não foi único, sendo possível também encontrarmos outros jornais que possuíam olhares negativos perante a utilização da imagem da nação pelo esporte, destacando opiniões que se distanciavam daquela que busca

exaltar o Brasil pelo futebol². Por isso, diante de perspectivas de fontes com discursos distintos, se faz necessário um cuidado especial para analisa-las e problematiza-las, assim como um critério para selecioná-las.

Assim, as fontes investigadas para este artigo foram, especificamente, dois periódicos publicados no período estudado na cidade do Rio de Janeiro. A partir dos referenciais propostos por Tânia de Luca (2008), acerca dos cuidados a serem tomados na análise de fontes de imprensa, optamos por analisar dois jornais, para assim compreendermos como essa temática foi abordada. A autora alerta para a necessidade de historicizar as fontes, pois sua análise

(...) requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. É obvio que as máquinas velozes que rodavam os grandes jornais diários do início do século XX não eram as mesmas utilizadas pela militância operária, o que conduz a outro aspecto do problema: as funções sociais desses impressos. (DE LUCA, 2008, p. 132).

Tendo como foco o olhar da imprensa que se posicionou favorável a Reação Republicana, para assim pensarmos como alguns desses jornais buscaram compreender o esporte nesse novo cenário de “modernidade” que idealizavam implantar, destacamos que neste artigo foram escolhidos para análise os periódicos *Correio da Manhã* e *O Imparcial*, por entendermos que ambos se posicionavam favoráveis a esse processo político e, assim, contrários ao governo de situação. A partir da análise realizada, destacamos que a escolha desses jornais se dá pela relevância que possuíam na sociedade carioca nas décadas iniciais do século XX, tendo ambos sido entendidos como importantes referências para compreendermos as idealizações políticas e nacionalistas que foram movidas a partir do esporte.

O Imparcial, periódico que rodou entre as décadas de 1910 e 1920 na capital brasileira³, tinha como seu dono o deputado federal fluminense José Eduardo de Macedo Soares. Macedo Soares, como conhecido, esteve ligado à Reação Republicana (DRUMOND, 2012, p.

² Como exemplo de olhar crítico à inserção do futebol na sociedade do período, ver, entre outros, o posicionamento do literário Lima Barreto. Entre outros artigos, é possível entender o olhar do autor sobre a temática em BARRETO, Lima. “Como resposta”. *Careta*, 08 de abril de 1922, p. 8.

³ Não confundir com outros jornais homônimos, como o fundado por José Soares Maciel Filho em 1935 no Rio de Janeiro ou o veículo impresso surgido em São Luís/MA no ano de 1926, sendo esse último o periódico mais antigo do referido estado, entre outros.

27), o que influenciou diretamente no posicionamento editorial de seu veículo de comunicação. Além disso, Carlos Eduardo Sarmento destaca que Macedo Soares presidiu a CBD durante alguns meses, entre 1921 e 1922, tendo sido importante para apaziguar as disputas entre as federações do Rio de Janeiro e de São Paulo, fato esse que foi fundamental para a montagem da equipe que disputou o Sul-Americano (todavia, como demonstraremos a frente, isso não impediu que durante a competição outras tensões viessem a tona). Por essas peculiaridades, entendemos que *O Imparcial* é uma importante fonte para pensarmos o objeto aqui proposto.

Já a escolha do *Correio da Manhã*, periódico que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1901 e 1974, foi escolhido devido sua linha editorial e pelo engajamento que assumiu a maior parte de seus jornalistas e cronistas, baseados no olhar oposicionista. Além disso, o periódico possuiu ligações diretas com políticos contrários aos governos da Primeira República, como José Joaquim Seabra. O baiano Seabra, foi governador de seu estado natal e candidato a vice-presidente na chapa de Nilo Peçanha, em 1922, tendo assim tido envolvimento direto na chamada Reação Republicana. Sua relação com o periódico em questão, fica explícita quando vemos que,

Nessa condição, participou da intensa campanha eleitoral em que se procurou indispor com as forças armadas o outro candidato à presidência, Artur Bernardes, atribuindo-lhe a autoria das chamadas “cartas falsas”, nas quais ele teria insultado os militares. Publicados no *Correio da Manhã*, esses documentos foram objeto de sindicância que concluiu mais tarde por sua inautenticidade. O episódio suscitou a formação de uma comissão de inquérito no Clube Militar e acirrou a oposição das forças armadas a Bernardes. (COUTINHO, 2010).

Com publicações diárias, o referido jornal ficou marcado por seus posicionamentos políticos diversos e por realizar críticas e oposição a quase todos os presidentes do Brasil no período de sua existência. No cenário da República Oligárquica, sempre se posicionou contrário aos governos de situação, tendo no ano de 1922 seguido o caminho de apoiar a Reação Republicana na tentativa de eleger Nilo Peçanha presidente do Brasil.

Reconhecemos que, no âmbito dos próprios jornais analisados, podem ter existido cronistas ou alguns jornalistas que fugiam a essa linha editorial mais geral. Todavia, buscamos seguir o posicionamento

mais amplo, ou “oficial”, que os dois veículos assumiram, sendo os olhares contrários, dentro do período retratado, entendidos como minoritários ou com pouca força nesses periódicos, a partir de nossa análise

Além disso, temos consciência que uma investigação mais ampla da temática a partir da imprensa do Rio de Janeiro, analisando também como jornais que se posicionaram contrários à Reação Republicana (sejam esses favoráveis ou não a estrutura política dominante) abordaram a questão do VI Sul-Americano, poderia acrescentar qualitativamente ao problema aqui levantado. Ressaltamos que pretendemos realizar tal comparação em futuras oportunidades, no âmbito do projeto já explicitado e que se insere este artigo.

Todavia, nesta oportunidade buscamos de maneira específica analisar os dois periódicos já citados e que se colocaram como defensores da Reação Republicana. Nosso objetivo é entender como esses jornais, ao defenderem tal movimento, abordaram a questão do campeonato de futebol no ano do centenário, tendo como pano de fundo todo o cenário político do país. Buscaremos melhor compreender se a defesa da reação contrária ao então regime político vigente, gerou alguma forma específica de entender o futebol no país por parte da imprensa carioca.

Essa análise não parte de uma determinação *a priori* de que o referido movimento político teria interferido diretamente no futebol. Nosso objetivo é o de buscar entender como a concepção de nação construída pelos envolvidos com a Reação Republicana teria influenciado na construção de diferentes discursos sobre o país. Sendo os jornais um espaço privilegiado para a difusão desses olhares e o futebol um fato social de importância singular e que se inseria nos projetos de modernidade então pensados, inferimos que essas relações nos possibilitam ampliar o entendimento sobre o cenário em questão.

Para melhor compreender as construções explícitas na imprensa, além das contribuições de Park já mencionadas, devemos ter em conta como o campo da História se relaciona com a imprensa esportiva. Em trabalho conjunto, Melo, Drumond, Fortes e Malaia destacam que uma parte significativa dos historiadores do esporte utilizam os meios de comunicação como fonte e/ou objeto (2013, p. 115). Os autores, entre outros focos que são gerados a partir da pesquisa histórica sobre o esporte pela imprensa, inferem que muitas das vezes as relações dos

meios de comunicação que abordam o esporte com os cenários político, econômico e social vigentes, são ignoradas pelos pesquisadores:

Que vínculos as empresas da mídia estabelecem com as organizações e atores do campo esportivo? A que grupos os veículos pertencem? Com quais interesses – políticos, econômicos, culturais – se articulam? Que valores defendem? Que aspectos enfatizam, minimizam ou silenciam ao abordar o esporte? Estas são questões complexas que (não se explicam por apenas um ou dois fatores) e muitas das vezes difíceis de responder, mas que podem contribuir para aprofundar a análise histórica. (MELO et al, 2013, p. 116).

De forma mais específica sobre as relações entre a pesquisa histórica e os materiais jornalísticos impressos, os autores destacam que é essa a tipologia de fonte mais utilizada por historiadores do esporte, seja pela importância do alcance dos jornais, pela dificuldade de acesso a outras fontes ou simplesmente por comodismo, tendo em vista a facilidade maior de se ter acesso aos periódicos, se comparado a outros documentos. Melo et al. (2013) propunham que

Os periódicos, notadamente os jornais, são muito usados nos estudos históricos, inclusive naqueles que se debruçam sobre o esporte. De fato, provavelmente permanecerão por muito tempo como a principal fonte. Isto se deve a algumas razões. Durante a maior parte da era contemporânea – mais precisamente, do final do século XVIII às primeiras décadas do XX -, os veículos impressos foram a principal (e, com frequência, a única) maneira de a população se informar a respeito do tema, assim como a maioria dos assuntos. (MELO et al, 2013, p. 120).

Tendo como base as considerações acima, ao analisar historicamente fontes jornalísticas que se debruçam sobre as temáticas esportivas, temos que considerar que as mesmas promovem a construção de memórias, discursos e tradições. Analisando esses aspectos, estabelecer as relações possíveis entre História, Jornalismo e Memória, a partir do esporte, se faz necessário. Sobre a análise da memória na história, e os interesses que podem existir na construção dessas, Michael Pollak realça que

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma

sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p. 8).

Andreas Huyssen, seguindo essa linha, mas aprofundando os olhares sobre as relações entre história, memória e mídia, sugere que

Quaisquer que tenham sido as causas sociais e políticas do crescimento explosivo da memória nas suas várias subtramas, geografias e setorializações, uma coisa é certa: não podemos discutir memória pessoal, geracional ou pública sem considerar a enorme influência das novas tecnologias de mídia como veículos para todas as formas de memória. (...) Questões cruciais da cultura contemporânea estão precisamente localizadas no limite entre a memória dramática e a mídia comercial (...). Sabemos que a mídia não transporta a memória pública inocentemente; ela condiciona na sua própria estrutura e forma. (HUYSEN, 2000, p. 20-23).

Seguindo esses cuidados apontados, como opção metodológica para a análise das memórias contidas nos periódicos, tal como destaca Van Dijk (2005), consideramos que compreender os discursos presentes nos jornais é um caminho importante para que o historiador não reproduza simplesmente o que se encontra escrito no material observado. Considerando que “as pessoas geralmente adquirem, expressam e reproduzem suas ideologias por meio de um texto ou da fala, é muito pertinente um estudo analítico do discurso da ideologia” (VAN DIJK, 2005, p. 1, tradução nossa). Sendo a necessidade de historicizar as fontes uma das funções básicas do pesquisador que trabalha com jornais enquanto fontes históricas, tal como explicita Tania de Luca (2008), buscaremos a seguir demonstrar algumas das particularidades do objeto, tal como a análise que realizamos acerca dos impressos pesquisados.

Os festejos do centenário em 1922

As datas comemorativas são, historicamente, momentos ímpares para se consolidarem construções acerca da ideia de nação. No Brasil, tal situação já se repetiu em diferentes momentos da trajetória do país, tendo sido o centenário de sua independência, em 1922, um dos mais marcantes. Nesse ano, vários eventos foram promovidos em comemoração à data em questão, tendo sido esse um cenário propício para se forjar diferentes ideias do que seria entendido posteriormente como identidade nacional.

Desde o século XIX, havia se tornado comum entre, principalmente, algumas nações europeias, a realização de “Exposições Internacionais”, como

forma de explicitar o desenvolvimento industrial e a inserção desses países no cenário da “modernidade”. Sendo o Brasil, em 1922, um país que tomava parte de algumas dessas iniciativas já realizadas no continente europeu, como forma de também se entender enquanto uma “nação moderna”, foram nesse ano iniciadas Exposições Internacionais na capital Rio de Janeiro. O ano em questão, marcado pelo centenário da independência do país, concretizou um cenário propício para tais eventos, tendo tido em solo brasileiro a presença de diplomatas e representantes de diferentes nações. Sobre esse contexto, Marly Motta infere que com

seus pavilhões e palácios profusamente iluminados, a Exposição oferecia aos seus visitantes mais do que um retrato da nação presente; o que estava em evidência eram os sonhos e as aspirações da nação moderna que se queria ser. (MOTTA, 1992, p. 72).

Não devemos esquecer que, além das comemorações do centenário, 1922 ficou marcado por diversos outros acontecimentos relevantes no país. Podemos destacar, apenas como forma de exemplificação, o avanço do movimento tenentista, a Semana de Arte Moderna e a fundação do Partido Comunista⁴. Tendo esses e outros acontecimentos como pano de fundo, os debates que tratavam sobre a temática das ideias de “nação” brasileira, se fortaleceram. Sobre esses e outros aspectos, relacionados aos anos 1920 no Brasil, Marieta de Moraes Ferreira propõem que:

A década de 1920 foi um período de profundas transformações na sociedade brasileira, na medida em que então se manifestaram uma crise intra-oligárquica, uma demanda de maior participação dos setores urbanos, uma insatisfação dos segmentos militares. Desenvolveram-se também novas formas de pensamento e elaboração cultural. O ano de 1922, em especial, aglutinou uma sucessão de eventos que mudaram de forma significativa o panorama político e cultural do país. A Semana de Arte Moderna, a criação do Partido Comunista do Brasil, o movimento tenentista, a criação do Centro Dom Vital, a comemoração do Centenário da Independência e a própria sucessão presidencial de 1922 foram indicadores importantes dos novos ventos que sopravam, colocando em questão os padrões culturais e políticos da Primeira República. (FERREIRA, 1993, p. 10).

A autora ainda ressalta que, nesse cenário, a Reação Republicana se fez importante para fortalecer esse movimento de contestação pelo qual o país estava inserido:

⁴ Maiores informações sobre esse contexto, ver Marly Motta (1992) e Marieta de Moraes Ferreira (1993).

Evento político chave, a Reação Republicana pode nos permitir captar a cultura política e o comportamento, as aspirações e demandas dos diferentes segmentos do sistema político brasileiro na República Velha. O estabelecimento da política dos governadores havia instaurado no país uma cultura política que se consolidou, congelando a competição, neutralizando as oposições e domesticando os conflitos políticos. A Reação Republicana representou exatamente um momento de contestação desse sistema, inaugurando um ciclo de questionamentos da ordem vigente. (FERREIRA, 1993, p. 10).

No meio desse cenário, e como uma das formas possíveis de se idealizar a nação, os Jogos Olímpicos Latino-Americanos de 1922 foram um conjunto de competições esportivas realizadas no cenário de comemoração do centenário da independência do Brasil, contando com a disputa das seguintes modalidades: natação, polo aquático, basquete, tênis, atletismo, esgrima, tiro, remo, boxe e hipismo (MALAIA, 2012b, p. 58). Junto a esses eventos, ocorreu o VI Sul-Americano de Seleções de futebol, organizado pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CSF), sendo esse evento o objeto de análise central neste artigo.

Em 1919, o Brasil sediou os campeonatos sul-americanos das seguintes modalidades: futebol, natação e polo aquático. Para realizar, em 1922, um evento que pudesse conglomerar outras modalidades em âmbito continental, se fez necessário uma série de obras públicas na cidade do Rio de Janeiro. Depois da realização de uma série de debates, assim como atrasos ocorridos que, por pouco, não levaram a realização dos jogos do centenário da capital para São Paulo, chegou-se a uma definição de como seria organizadas as obras para o evento no Rio de Janeiro. Como salienta Maurício Drumond,

[...] coube ao Fluminense Football Club, presidido por Arnaldo Guinle, membro de uma das mais ricas e influentes famílias cariocas, a oportunidade de sediar os jogos, realizando assim grandes obras em seu estádio. Para executar as obras no *stadium* do Fluminense foi chamado o arquiteto Hypolito Pujol Jr., que também era responsável pelo pavilhão de São Paulo na Exposição do Centenário – um dos maiores especialistas brasileiros em concreto armado, tecnologia moderna a ser utilizada no centro esportivo. Apresentando assim a modernidade a ser vista nos pavilhões da Exposição, o estádio do Fluminense seria então o principal palco dos Jogos do Centenário, abrigando o campeonato sul-americano de futebol, assim como competições de tênis, boxe, polo aquático, esgrima, atletismo e tiro. Outras localidades, como o estádio do Clube de Regatas do Flamengo, a Vila Militar e o Jockey Club, entre

outros, também receberam parte das provas. (DRUMOND, 2012, p. 21-22).

Desde o século XIX, o campo esportivo brasileiro já se encontrava consolidado, tendo a partir de então se desenvolvido no país diferentes competições das mais variadas práticas esportivas. Tal desenvolvimento se deu em um momento de expansão dos ideais de “modernidade” oriundos da Europa, estando as práticas esportivas inseridas nesse processo. Sobre o Rio de Janeiro, de forma mais específica, Marly Motta (1992) indica que nesse período já eram idealizadas na cidade algumas iniciativas que buscavam enquadrá-la a esses ideais, sendo a efetivação dos festejos do centenário em 1922 um momento chave para a consolidação desses interesses.

Como propõem Gomes (2016b, p. 6), algumas das práticas que vinham da Europa, notadamente no final do século XIX e início do XX, já alcançavam em seus primórdios no país um *status* de “popular”. Mesmo que se observe, nas primeiras décadas do século XX, certo predomínio de alguns clubes mais elitistas na organização das principais competições, esse esporte também esteve presente em localidades das camadas populares⁵ (GOMES, 2016b, p. 6).

Na América do Sul, a primeira competição continental de futebol entre seleções foi realizada em 1916, na Argentina. O Brasil a venceu pela primeira vez em 1919, ano em que também foi o país sede da competição. Em 1922, ocorreu a sexta edição do evento, sendo a segunda vez em que o Brasil o organizaria (GOMES, 2016b, p. 6).

Para conseguir montar uma equipe que melhor representasse a “nação brasileira”, foi idealizado o primeiro Campeonato Brasileiro de seleções estaduais, em 1922. Esse campeonato, vencido pelo estado de São Paulo, tinha como principal objetivo conglomerar os “craques” do futebol nacional em vista a formação do selecionado que disputaria o Sul-Americano. De acordo com Malaia, Drumond e Melo

A celebração da nação por meio do futebol aconteceria, assim, em duas etapas: inicialmente os Estados seriam conclamados a se unirem para a formação do selecionado; em seguida, o “esquadrão” representaria o país na luta contra os adversários sul-americanos. (...) A preparação do campeonato foi uma verdadeira engenharia de paz. Foram convidados representantes tanto de Estados cujas oligarquias se perpetuavam no governo da nação (São Paulo e Minas Gerais) quanto de Estados ligados à chamada “Reação Republicana”

⁵ Maiores informações sobre a popularização do futebol nos primórdios do século XX, ver Leonardo Pereira (2000) e Nei Jorge dos Santos Jr (2014).

(Rio de Janeiro, Distrito Federal, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul), o movimento que tentou derrubar paulistas e mineiros nas eleições presidenciais de 1922. Ainda foram convidadas seleções do Pará, que tinha uma história de confrontos com o poder central, e do Paraná, que havia passado por conflitos em seu território. A competição começou menos de um mês após o Levante do Forte de Copacabana. (MALAIA; DRUMOND; MELO, 2012, p. 161).

O VI Sul-Americano de seleções de futebol

A preparação para o VI Sul-Americano foi marcada por tensões entre as duas maiores federações de futebol do Brasil, a do Distrito Federal e a de São Paulo. Como se tornou marcante nos primórdios do futebol brasileiro, as disputas entre paulistas e cariocas pelo poder desse esporte se explicitava como algo que sobressaía aos campos dos jogos⁶. A criação do citado Campeonato Brasileiro de futebol teria sido uma forma de tentar conciliar os estados que disputavam o poder do esporte (Distrito Federal e São Paulo), assim como idealizar um selecionado que pudesse ser entendido como mais “nacional”, ou seja, sendo composto por atletas de outras localidades também. Todavia, como nos demonstra João Malaia, vários fatores impossibilitaram esse caminho, fazendo com que a seleção continuasse a ser dominada por carioca e paulistas:

Falar em seleção brasileira com a ideia de que dela fizessem parte jogadores que efetivamente representassem o Brasil foi uma tarefa difícil, uma vez que os estatutos da CBD excluía os analfabetos, que de acordo com o Censo de 1920, eram 65% da população brasileira. Junto a esse dado, vale ressaltar que, a despeito da organização do campeonato de seleções estaduais, a seleção de 1922 contou apenas com jogadores de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro, como era de costume. Da equipe que disputou a final do torneio contra o Paraguai, sete jogadores eram de equipes paulistas e quatro eram de equipes cariocas. (MALAIA, 2012a, p. 68).

Atuando em casa, o Brasil acabou se tornando campeão do Sul-Americano de futebol em 1922, sendo essa sua segunda conquista na história da competição (a primeira foi em 1919, quando também havia sediado o torneio). Porém, a campanha realizada foi marcada por altos e baixos, tendo o selecionado empatado os três primeiros jogos (1x1 com o Chile; 1x1 Paraguai; e 0x0 Uruguai) e ganhou os dois últimos (2x0 Argentina e 3x0 Paraguai, sendo esse último um jogo desempate).

⁶ Maiores informações sobre essas disputas, ver Maurício Drumond (2012).

A conquista, assim como o percurso até alcança-la, foi analisada com olhares diversos por parte dos jornais aqui pesquisados. Sem obviamente generalizarmos, podemos apurar com a pesquisa que tanto a linha editorial de *O Imparcial* como a do *Correio da Manhã*, entendiam que o futebol e as demais práticas esportivas ofereciam bons caminhos para idealizarmos um novo Brasil “moderno” e que se diferenciasse das oligarquias dominantes ainda presentes no poder do país, aos quais a Reação Republicana lutava para encerrar.

Percebemos, pela análise das fontes, uma tentativa da imprensa em interligar a exaltação do Brasil enquanto nação com o os resultados e jogos praticados pelo selecionado nacional. Todavia, esperando construir pelo futebol uma lógica em que os resultados exemplificariam parte da “modernidade” brasileira perante aos outros países latino-americanos, e colocando assim em contraste o poder oligárquico presente, os três primeiros empates não foram tão “generosos” para a concretização desse olhar. Já na primeira partida, podemos identificar que a visão da imprensa não era a mais positiva acerca das atuações que o selecionado viria a ter na competição.

O empate contra o Chile foi destacado, nas páginas de *Correio da Manhã*, como uma frustração, tendo em vista que o selecionado chileno não havia alcançado, em competições anteriores, mais do que “evitar o último lugar da tabela”⁸. *O Imparcial*⁹, explicitou esse empate em suas páginas como um resultado que descaracterizava a nação, dando a entender que esse resultado não expressava a cultura nacional brasileira.

Após uma série de críticas aos efeitos do jogo como um todo, alguns fatores foram vistos como negativos nas páginas dos jornais. A falta de técnica no futebol apresentado pelo selecionado brasileiro, assim como a posição da torcida que jogou ao campo garrafas e almofadas por se demonstrar insatisfeita com uma decisão do árbitro, o que teria paralisado o jogo por seis minutos¹⁰, foram explicitados como grandes equívocos nas páginas de *O Imparcial*. Principalmente, o periódico criticou a violência presente no jogo praticado pelos dois selecionados, sendo esse um fator que diminuía o selecionado nacional brasileiro perante uma equipe então entendida como inferior, como podemos visualizar abaixo:

Esperemos que as cenas tão deprimentes não mais se reproduzam, dando uma ideia falsa da nossa cultura, do nosso espírito ordeiro, da

⁷ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1922.

⁸ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1922.

⁹ *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1922.

¹⁰ *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1922, p. 6.

nossa educação e, sobretudo, dos nossos sentimentos efetivos, que ficam assim, expostos a uma interpretação errada, vendo-se um gesto de hostilidade no que nada mais é do que excesso paixão cal [sic] contida (...). Vários incidentes, dentre eles alguns bastante desagradáveis, temperaram o brilho da luta, tornando-a desinteressante. Violência posta em prática pelos jogadores, quer de um, quer de outro dos partidos, foi sem dúvida o principal fator da falta de brilho. Não se diga que, apenas os chilenos usaram do jogo "pesado". Pelo movimento técnico que abaixo inserimos, poder-se á verificar do que dizemos, e, não seríamos nós quem procuramos torcer a verdade dos fatos para nos tornarmos agradáveis aos que se deixam arrasar pela cegueira da paixão¹¹.

A relação estabelecida entre "defesa da cultura nacional" e o esporte se tornou comum por parte da imprensa em 1922. Nesse ano, com todo o cenário já explanado, ocorreu uma forte tentativa de enquadrar o Brasil nos valores de modernidade presentes naquele contexto, de forma que outras nações também assim o entendessem. Jogos como esse contra o Chile, contrariavam esse interesse, mesmo que se tratasse de uma construção que camuflava outros aspectos do futebol nacional, como a desigualdade entre os estados (tendo em conta o predomínio de atletas do Rio de Janeiro e de São Paulo na convocação para a competição, como já demonstramos) e a pouca participação de atletas populares nos selecionados nacionais anteriores ao profissionalismo.

Antes da segunda partida do Brasil na competição, *O Imparcial* escreveu uma matéria¹² exaltando a Argentina e demonstrando possíveis "laços" que poderiam existir entre esse país e a nação brasileira. Essa posição destaca não só uma tentativa de enquadramento do Brasil, como já abordamos, em um padrão específico de modernidade, como também explicita as possíveis mudanças de relação do Brasil com o cenário da América Latina. Apesar de não se entender como parte desse cenário "latino-americano", dentro de uma lógica imperialista ou de relações de poder e dominação no continente, estabelecer relações diplomáticas com os países da região, mesmo que seja para reforçar sua posição nacionalista "distinta", se fez importante. Leslie Bethell realça que

Os governos brasileiros da Primeira República (1889-1930), como na época do Império, não demonstravam qualquer interesse pelos "povos da língua espanhola" e pelas "nações latino-americanas", com exceção das disputas fronteiriças (geralmente vitoriosas) com seus

¹¹ *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1922, p. 5 e 6.

¹² *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1922, p. 3.

vizinhos sul-americanos – como com a Argentina em 1895 e a Bolívia (pelo território do Acre) em 1903, e também Colômbia, Peru e Uruguai – e das tentativas (menos bem-sucedidas) de estabelecer boas relações com a Argentina e o Chile no Cone Sul. O Brasil preferia estreitar as relações com a Europa, mais especificamente a Grã-Bretanha e, de certo modo, com a Alemanha, e cada vez mais com os Estados Unidos. Na visão dos brasileiros, existiam dois gigantes no hemisfério ocidental, sem dúvida desiguais: os Estados Unidos e o Brasil. (BETHELL, 2009, p. 297).

Tendo em vista essas considerações, *O Imparcial* exaltou em suas páginas a delegação argentina, quatro dias antes dessa estreitar na competição goleando por 4x0 o mesmo Chile que havia empatado com o Brasil. O periódico exaltou o posicionamento de Olavo Vianna, que havia no ano anterior sido o chefe da delegação brasileira que disputou o Sul-Americano em Buenos Aires. Como forma de retribuir “os agradáveis momentos que passou no ano passado”, marcado pela “carinhosa e afetiva acolhida que lhe dispensaram os desportistas da grande República da Prata”¹³, Vianna ofereceu um jantar de recepção a alguns dos atletas da delegação argentina, como forma de retribuir a “hospitalidade”¹⁴. Apesar desses aspectos necessitarem de maiores estudos, explicitam os objetivos diplomáticos inerentes a realização dos jogos por parte do projeto de nação implantado no Brasil.

A análise da imprensa acerca do segundo jogo do Brasil, manteve um olhar pessimista sobre a seleção nacional e sua participação no torneio. O empate em 1x1 com o Paraguai foi visto, novamente, como um resultado que descaracterizava o que de fato seria o futebol e a cultura brasileira. A torcida mais uma vez lotou o estádio das Laranjeiras, tendo a imprensa construído o discurso de que estavam ávidos por conhecer o estilo de jogo do selecionado paraguaio¹⁵. Ao mesmo tempo, com o empate, conteúdos decepcionados foram escritos nos jornais. Esse olhar de decepção, tendo em vista o número grande de críticas, era repercutido pelos próprios atletas, levando em conta que alguns já explicitavam posicionamentos que posteriormente iriam contrariar a lógica do esporte amador então vigente. Uma entrevista do então grande nome da equipe, Friedenreich, criticava a posição e organização da CBD, em especial com os atletas paulistas, no que se diz respeito a falta de incentivos para esses. Nas palavras do atleta, publicadas em entrevista ao *O Imparcial*:

¹³ *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1922, p. 3.

¹⁴ *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1922, p. 3.

¹⁵ *Correio de Manhã*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1922.

Não é possível. Cada um de nós tem suas preocupações e as suas famílias em São Paulo. A nossa estadia aqui, durante tanto tempo, afastados dos nossos afazeres e dos nossos lares, representa sacrifícios que muita gente não ignora. Ora, se nós estamos nos esforçando, fazendo, mesmo, alguns de nós, verdadeiros sacrifícios, é claro que tenho o direito, quando mais não seja de merecer, de parte das autoridades esportivas, pelo menos algo que nos compense tantos aborrecimentos.¹⁶

Essas pressões dos atletas resultariam, posteriormente, no pagamento de premiações aos jogadores¹⁷, mesmo se tratando de um contexto amador do futebol, como veremos mais à frente. Além disso, os resultados negativos, como demonstra Hugo Moraes, obrigaram a imprensa a rever seus olhares acerca dos adversários do Brasil e a também remodelar o discurso nacionalista construído em cima do selecionado. Infere o autor que,

O clamor efusivo dos jornais que orgulhosamente ostentavam um discurso em que a seleção brasileira – uma espécie de “retrato” daquilo que consideravam a nação – foi ofuscada pelo surpreendente desempenho esportivo dos adversários, antes considerados inofensivos. Houve a partir de então uma busca incessante por respostas ao mau desempenho nacional. (...) Essa reflexão sobre a derrota é esclarecedora porque esta revelou uma série de contradições em que as práticas não condizentes aos valores do amadorismo davam lugar a um contexto esportivo aparentemente profissional. Antes mesmo de iniciar o Sul-Americano, *O Imparcial* já alertava que os demais times *tanto da Argentina, como também do Uruguay e Chile já se acham constituídos e rigorosamente exercitados* enquanto os brasileiros, que [...] *até agora nada[...]*, seguiam *o lema de sempre: Um por todos e todos por um!* (MORAES, 2014, p. 44).

No terceiro jogo do Brasil, novo empate: 0x0 com o Uruguai. Nessa altura do campeonato, a seleção brasileira somava três pontos em três jogos, mesma pontuação alcançada até então pelo Uruguai, porém tendo essa última equipe realizado apenas duas partidas. Argentina e Paraguai haviam jogado apenas uma partida cada, tendo respectivamente dois e um ponto(s). Apenas o Chile, assim como o Brasil, jogara três vezes até então, tendo apenas um ponto conquistado exatamente na estreia contra a seleção anfitriã.

¹⁶ *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1922, p. 3.

¹⁷ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1922, p. 3.

Esse jogo, no entanto, se faz possível perceber um tom diferente por parte dos discursos adotados pelos jornais aqui analisados. Entendido como uma das potências do futebol sul-americano, e já tendo como parâmetro os dois primeiros jogos da competição, os periódicos entenderam que deveriam reconstruir sua linguagem acerca da participação brasileira na competição. Sem, claro, deixarem de lado possíveis críticas, exaltaram o 0x0 com o Uruguai como um verdadeiro “clássico sul-americano” e começaram a explicitar, com mais força, possíveis erros de arbitragem, que já vinham sendo apontados desde a primeira rodada e que na parte final da competição resultariam em concretas confusões¹⁸. Nas páginas de *O Imparcial*, podemos perceber o entusiasmo destacado com o empate brasileiro com o Uruguai, bem diferente dos jogos anteriores:

A tarde de ontem, no estádio da rua Guanabara, foi, sob todos os aspectos por que se a queira encarar, admirável e empolgante. [...] o jogo desenvolvido em campo pelas duas esquadras que [...] buscavam o gol da vitória, foi o mais lindo e o mais cavalheiresco que se pode imaginar. Não houve um senão se quer a empanar-lhe o brilho, desde a honesta e imparcial atuação do juiz, até a excelente técnica e apreciável lealdade de conduta demonstradas pelos valorosos *players* que melhor se empenharam.

Enfim, de todos os encontros até hoje realizados em disputa do 5º Campeonato Sul-Americano de Football, manda a verdade que se diga, sem ambages, que esse foi o único em que as regras da “Association” foram escrupulosamente observadas, rigorosamente cumpridas¹⁹.

Todavia, mesmo com o otimismo da partida, após empatar com o Uruguai, a situação da seleção brasileira na competição ficou preocupante. Isso porque no jogo que se seguiu, a própria seleção uruguaia venceu a rival Argentina por 1x0 e alcançou cinco pontos em três jogos. Bastava uma vitória simples dos uruguaiois contra o Paraguai, que garantiriam o título sul-americano. Para os brasileiros terem chances de alcançar a conquista, vejam a matemática: teriam que, primeiro, torcer para o Paraguai vencer o Uruguai; depois, teriam que ganhar da forte seleção argentina; e, por último, torcer para que a mesma Argentina vencesse os paraguaiois. Dessa forma, ficariam empatados em pontos na primeira colocação três seleções: Brasil, Paraguai e Uruguai. De acordo com o regulamento, nessa situação seriam disputados jogos desempates entre essas equipes.

¹⁸ Maiores informações sobre esses possíveis erros apontados na imprensa, ver Moraes, 2014, p. 32-51.

¹⁹ *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1922, p.1.

Pois bem, seja por forças do acaso ou não, essa combinação improvável de resultados ocorreu: o Paraguai venceu o Uruguai por 1x0; o Brasil fez 2x0 na Argentina; e por último os argentinos ganharam também por 2x0 do Paraguai. Todavia, uma forte confusão na partida Paraguai x Uruguai marcou a retirada desses últimos da competição e teria, de acordo com a imprensa, abalado naquele momento as relações diplomáticas entre uruguaios e brasileiros²⁰.

Como explicitamos anteriormente, ocorreram várias críticas na imprensa sobre erros de arbitragem durante o Sul-Americano de 1922. Um juiz chileno, por exemplo, que fora chamado *Ladrón de Guevara* pelos jornalistas de *O Imparcial*, desistiu de apitar partidas da competição, provavelmente após ser acusado de erros²¹. No caso da partida entre paraguaios e uruguaios, esses últimos alegaram terem sido prejudicados pela arbitragem do juiz brasileiro Carlos Santos²², que teria supostamente beneficiado os paraguaios para que assim o Brasil continuasse com chances de ser campeão sul-americano. Nas páginas de *Correio da Manhã*, podemos perceber como o erro foi visto por parte da imprensa:

O Sr. Carlos Santos errou e com seus erros alterou o *score* da partida. Não queremos entrar em análise das suas intenções, por isso que, não temos o direito de discuti-las. Sempre respeitamos a honestidade dos países estrangeiros, e não há de ser, desta vez, que vamos pôr em dúvida a de um juiz brasileiro.
[...] os uruguaios que tantas provas de correção tem dado em campo e fora dele, não deviam jamais ter pretendido abandonar o campo, mesmo que tivessem razão²³.

Confirmados os erros acima, o fato é que a delegação uruguaia se sentiu prejudicada a tal ponto que abdicou do direito de continuar disputando o Sul-Americano, fato esse que foi extremamente criticado pela imprensa, como podemos ver na citação anterior, onde criticam o posicionamento do selecionado de optar por sair do campo de jogo, e também ao explicitarem ser essa (o abandono do torneio) uma ação "interpestiva e indelicada [...] retirando-se de uma competição entre amigos de uma forma tão violenta"²⁴.

O fato também foi explorado por aqueles que buscavam uma inserção do Brasil no mundo da diplomacia e viam o futebol (e os esportes como um

²⁰ *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1922.

²¹ *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1922.

²² *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1922.

²³ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1922, p. 5.

²⁴ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1922.

todo) como algo negativo nesse processo. Como mencionado, Malaia reforça que esse ocorrido poderia ter abalado as relações entre os dois países:

Além desse escândalo, alguns parlamentares passaram a condenar as competições internacionais de futebol, pois estas estariam acirrando rivalidades que extrapolavam o campo e estavam dificultando relações com figuras proeminentes dos países sul-americanos. Brasil e Uruguai disputavam uma cadeira permanente na Liga das Nações e devido aos atritos com a seleção uruguaia, alguns parlamentares brasileiros viram a competição e o acirramento das rusgas entre os dois países como um revés na política internacional do país. O deputado paulista Carlos Garcia apresentava projeto à Câmara proibindo os jogos internacionais no país ("O Projecto Carlos Garcia". *Folha da Noite*, São Paulo, 21 de outubro de 1922, p. 3). Em charge de autoria de Belmonte, publicada dias após o jogo entre Brasil e Uruguai, a violência e a confusão entre os jogadores foi o mote para o ilustrador abordar o assunto. Ao lado da República, simbolizada por uma grande mulher e parte da bandeira nacional, tremulavam as bandeiras do Uruguai, Chile e Argentina. Junto ao símbolo da bandeira, um parlamentar em trajes oficiais aponta para dois jogadores ao lado de uma bola de futebol. Um deles está com um pé no pescoço do outro e o político afirma: "O que alguns fazem com as mãos, outros fazem com os pés" ("Fraternidade Sul-Americana". *Careta*, Rio de Janeiro, Anno XV, n. 746, 7 de outubro de 1922, p. 30) (MALAIA, 2012a, p. 69-70).

Após vencer o Uruguai, restava ao Paraguai uma vitória contra a já eliminada Argentina, para assim se sagrar campeão do torneio. Todavia, em mais um jogo marcado por dúvidas e acusações de erros de arbitragem, os argentinos venceram por 2x0. Após acusações de que o primeiro gol da partida teria sido marcado em posição de impedimento²⁵, os paraguaios se revoltaram com a marcação de um pênalti pelo árbitro brasileiro Henrique Vidgnal, que resultou no segundo gol argentino²⁶, tendo seus atletas se retirado do campo de jogo. Esse ato culminou na oficialização da vitória argentina. Os paraguaios haviam decidido, assim como a delegação uruguaia, abandonar o torneio.

O jornal *O Imparcial* chegou a destacar em suas páginas uma possível posição impatriótica dos dirigentes da CBD, por quererem encerrar o caso paraguaio e simplesmente entenderem que o "culpado" de tudo seria o juiz. A posição da imprensa nesse caso se fez parecida com o caso do Uruguai já aqui explicitado: condenaram a posição dos paraguaios e esperavam uma atuação mais forte da CBD no que se diz respeito à defesa da "pátria":

²⁵ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1922.

²⁶ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1922.

Quando ontem demos publicidade aos ofícios trocados entre o chefe da delegação paraguaia de *football*, Dr. Henrique Pinho, e o presidente da Confederação Brasileira de Desportos, sobre o deplorável incidente ocorrido em á tarde de quarta-feira última, no "stadium", reservamo-nos o direito de comentá-los em nosso número de hoje, por não podermos concordar não só com a renovação da injustiça feita ao juiz brasileiro pelos desportistas paraguaios, como ainda pelo misero papel que em toda essa delicada questão desempenhou nossa entidade máxima²⁷.

Todavia, após essas negociações com a delegação paraguaia, e tendo em vista que Brasil e Paraguai estavam empatados na tabela com cinco pontos, foi definido um jogo extra ente esses selecionados para que o vencedor fosse consagrado campeão sul-americano de 1922 (o Uruguai, também com cinco pontos, havia abandonado a competição, como já explanado).

No jogo desempate, o Brasil se sagrou campeão ao derrotar os paraguaios por 3x0, com gols de Neco e Formiga (duas vezes). O *Correio da Manhã* escreveu em suas páginas uma celebração da conquista, elogiando a posição dos atletas brasileiros e criticando a dos outros selecionados que insistiram em reclamar dos erros de arbitragem, tendo o periódico recordado que o Brasil teria sido supostamente prejudicado em outras ocasiões, mas que nem por isso perdeu o "espírito esportivo":

Podemos nos orgulhar com o procedimento dos nossos jogadores em todos os encontros que tomaram parte. Se as vitórias sobre as equipes argentina e paraguaia nos entusiasmaram, não menos foi o nosso prazer em mostras aos nossos adversários que, prejudicados irritante e seguidamente nos *matches* em que a vitória devia ser nossa, nunca perdemos a linha de conduta que devem ter os *sportmen*, pois, saber perder é muito mais difícil do que ganhar.²⁸

Como forma de premiação aos atletas que foram campeões, a CBD pagou um prêmio em dinheiro. No total, foram distribuídos entre os atletas 50:000\$000. Esse valor atendia a reclamação feita por alguns dos atletas do selecionado, como demonstramos na entrevista de Arthur Friendenreich, atleta que acabou se contundindo no decorrer da competição e que afirmava ter sido prejudicado por ter ficado sem apoio. De acordo com João Malaia,

O pagamento do prêmio gerou muita polêmica e a imprensa se aproveitou para desfiar muitas críticas ao governo (...). A referência

²⁷ *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1922, p. 10.

²⁸ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1922.

aos 50:000\$000 como prêmio para os jogadores foi tratado em tom de escândalo por alguns órgãos de imprensa. (...) O escândalo era maior, pois a própria CBD exigia em seus estatutos que todos os atletas fossem amadores para poder representar a seleção brasileira. O valor não era dos maiores. Era menor, por exemplo que a renda de apenas um dos jogos do torneio, entre Brasil e Argentina, em que se obteve, com a venda de ingressos, 54:018\$000 ("Os Sports no Centenário". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1922, p. 3). (...) Mesmo assim, era um valor elevado a ser dividido entre os jogadores de futebol. Cada um receberia do governo valores que poderiam chegar a ser quase 20 vezes maior do que o salário de um operário da Fábrica América Fabril. (MALAIA, 2012a, p. 69).

Esse cenário explicita um contexto de tensões e modificações que marcariam o futebol brasileiro durante toda a década de 1920, no que se diz respeito a passagem do amadorismo para o profissionalismo nesse esporte, fato que se consolidou com força total nos anos 1930²⁹. Em relação aos efeitos diplomáticos do VI Sul-Americano, ficou claro que, a posição de diferenciação do Brasil perante as outras nações latino-americanas se manteve na imprensa aqui investigada. Mesmo assumindo possíveis erros por parte dos juízes, os jornais estudados se mantiveram na defesa da "pátria" e críticos aos países que se colocaram contrários a esses erros na competição. César Torres resume concluindo que

Apesar de, aparentemente, não fazer parte dos Jogos Latino-Americanos, o torneio de futebol foi notoriamente afetado por problemas. Os casos mais notáveis foram os da Seleção Uruguaia, que abandonou o torneio, e dos protestos violentos do público contra supostas injustiças da arbitragem. Foram tantos os problemas permeados por matizes nacionalistas, que Baillet-Latour afirmou que tanto os atletas quanto os espectadores de cada país comparavam uma derrota esportiva a uma desonra nacional. Considerando as dificuldades que caracterizaram a organização dos Jogos e a falta de experiência da comunidade esportiva da região em competições internacionais, essas inconveniências estiveram longe de ser surpreendentes. (TORRES, 2012, p. 31).

Considerações finais

Buscamos neste artigo, ao analisar os periódicos *O Imparcial* e *Correio da Manhã*, entender um pouco mais do olhar para o futebol na imprensa especializada que estava ligada ao movimento da Reação Republicana, notadamente no contexto do VI Sul-Americano de Seleções de futebol.

²⁹ Maiores informações sobre a profissionalização do futebol no Brasil, ver Gomes e Pinheiro (2015); Gomes (2016); e Drummond (2014).

Nesta análise, se torna possível perceber que ambos os periódicos buscaram idealizar um projeto de “nação moderna” a partir do selecionado formado para o Sul-Americano de futebol, assim como nas outras competições ocorridas no cenário dos Jogos Olímpicos Latino-Americanos do centenário de 1922.

Além disso, a análise das fontes nos permitiu inferir que a competição em questão evidenciou uma série de mudanças pelas quais passavam o futebol carioca e, em um âmbito maior, brasileiro, de forma que viesse a resultar no processo de profissionalização da prática a partir de 1933. Esses fatores caracterizavam como essa e outras mudanças ocorridas no futebol, se inseriam em um contexto mais amplo pelo qual passava o esporte brasileiro e a sociedade como um todo.

Portanto, entendemos com essa análise que os periódicos aqui investigados buscaram, em um contexto que criticavam a estrutura política vigente e apoiavam a Reação Republicana, defender o futebol como um caminho para incluir o Brasil em um novo caminho “moderno”, que se diferenciava daquele dominado até então pela “Política dos Governadores”. Além disso, ressaltamos que essa ideia de nação pensada mantinha os ideais diplomáticos de diferenciação do Brasil em relação aos outros países latino-americanos, como também buscamos demonstrar na pesquisa desses jornais.

Todavia, é válido destacar que, possivelmente, a tentativa de enquadrar discursos de nação pelo esporte não foi nesse período algo específico da imprensa contestadora da política dos governadores, sendo os jornais de situação fontes que ainda merecem maior atenção investigativa na análise do esporte e outros aspectos. Tendo em vista que esses jogos esportivos se incluíam em um conjunto de “eventos oficiais” organizados pelo governo para a comemoração do centenário da independência, não é absurdo pensarmos que a imprensa ligada a situação política do país também tivesse se utilizado de discursos nacionalistas a partir dos próprios eventos esportivos em questão, sendo esses férteis caminhos para outros artigos sobre a temática e para comparações com a questão que buscamos colocar neste texto.

Inferimos, entretanto, que as formas para se chegar a esse caminho, assim como os discursos construídos, podem ter sido distintas, explicitando ainda mais a necessidade de ampliarmos a análise em oportunidades futuras. De forma geral, e como muito já se debateu no campo da História do Esporte, talvez seja possível identificar que, independente do posicionamento

político contraditório existente, o esporte se torna uma opção de construção de discursos e memórias nacionalistas para ambos os lados da moeda. Porém, as singularidades e contradições presentes no caminho de cada um desses lados, se apresentam como possíveis comparáveis e férteis terrenos para investigações históricas sobre a prática esportiva.

Referências

ANCHIETA, Isabelle. A notícia como forma de conhecimento segundo Robert Park. **BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v. 2007, p. 01-11, 2007.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de "América Latina" em perspectiva histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 289-321, jul.-dez. 2009.

COUTINHO, Amélia. José Joaquim Seabra (verbete). In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

DE LUCA, Tânia Regina. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-154.

DRUMOND, Maurício. **Estado Novo e esporte**: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945). Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

DRUMOND, Maurício. Os jogos esportivos do centenário: o ponto de vista da política. In: MALAIA, João Manuel; MELO, Victor (orgs.). **1922**: celebrações esportivas do centenário. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 15-36.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A Reação Republicana e a crise dos anos 20. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993, p. 9-23.

GOMES, Eduardo de Souza. **O futebol vira profissão**: tensões e efeitos da profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954). 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016a.

GOMES, Eduardo de Souza. A nação no Brasil e na Colômbia: uma análise a partir do esporte. In: XVII Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: entre o local e o global, 2016, Nova Iguaçu – RJ. **Anais do XVII Encontro Regional de História da ANPUH-Rio**. Nova Iguaçu, RJ: ANPUH-Rio, 2016b, p. 1-13.

GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **Olhares para a profissionalização do futebol**: análises plurais. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

MALAIA, João Manuel. A imprensa e o sul-americano de futebol de 1922: a "defesa das cores nacionais" ou o "campeonato internacional das

- futilidades”?. **Revista Estudos Políticos**, Rio de Janeiro, n. 5, 2012a, p. 60-76.
- MALAIA, João Manuel. O Rio de Janeiro e os Jogos de 1922: economia de um projeto esportivo. In: MALAIA, João Manuel; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **1922: celebrações esportivas do centenário**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 58-80.
- MALAIA, João Manuel; DRUMOND, Maurício; MELO, Victor Andrade de. Celebrando a nação nos gramados: o Campeonato Sul-Americano de futebol de 1922. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 57, 2012, p. 151-174.
- MALAIA, João Manuel; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **1922: celebrações esportivas do centenário**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer: conceitos – uma introdução histórica**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MELO, Victor; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; MALAIA, João Manuel. Meios de Comunicação. In: **Pesquisa Histórica e História do Esporte**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 113-127.
- MORAES, Hugo. **Jogadas Insólitas: amadorismo e processo de profissionalização do futebol carioca (1922-1924)**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.
- MOTTA, Marly. **A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1992.
- PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento. In: STEINBERG, Charles (org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 168-185.
- PECHMAN, Robert. José Eduardo de Macedo Soares (verbete). In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
- PEREIRA, Leonardo. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.
- SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge dos. **A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923)**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.
- TORRES, César. **Jogos Olímpicos Latino-Americanos – Rio de Janeiro, 1922**. São Paulo: CBAT, 2012.
- VAN DIJK, Teun. Ideología y análisis del discurso. **Utopía y praxis latino-americana**, Maracaibo, Año 10, n. 29, p. 9-36, abril – junho de 2005.

